

FAPESB apoia Brechó EcoSolidário



MEMBROS DO "DIALOGUES IN HUMANITÉ" CONVERSAM DURANTE O BRECHÓ ECOSOLIDÁRIO



TROCA DE ROUPAS USADAS POR "GRÃOS"



KÁTIA SANTOS MOSTRA ARTIGOS VENDIDOS NO BRECHÓ

Nos dias 24 e 25 de outubro, aconteceu, no Parque da Cidade, em Salvador-BA, o Brechó EcoSolidário, uma feira de economia solidária de troca de bens usados, utilizando uma moeda chamada "grão". O Brechó é realizado desde 2006 em conjunto com um mercado de produtos oriundos de cooperativas e diversas atividades de caráter cultural (apresentações de música e dança), formativo (variadas atividades de educação ambiental) e de saúde integral (aulas de ioga, biodança, qiqong, massagens, reiki, etc).

Kátia Santos, coordenadora do evento, diz que o Brechó beneficia e fortalece os empreendimentos econômicos solidários, além de contribuir para a conscientização da população sobre o consumo e a preservação do meio ambiente. Ela explica como: "Diminuindo o consumismo. A gente consegue fazer com que as pessoas abram seus guarda-roupas, peguem coisas que há um tempão elas não usam e tragam para cá". No Brechó, cada produto vale um grão, independente do seu real valor monetário. Pode ser um terno, um vestido, um brinco, um boné, um sapato, um livro:

"O que não lhe serve mais, vai servir para alguém e é isso que importa", diz Kátia.

O Brechó EcoSolidário incentiva os participantes a pensarem em outras formas de consumir, mais saudáveis, com menos desperdício e priorizando produtos das cooperativas de economia solidária. Rita de Cássia, 50, participou do evento vendendo doces e alimentos desidratados em seu estande. Ela faz parte da Coperfeira Novo Sabor, Cooperativa de Alimentos da Feira de São Joaquim, que desidrata e comercializa as frutas que não servem para o comércio final e que iriam para o lixo. Além de vender seus produtos, Rita também levou roupas para trocar por grãos: "Eu acho o brechó muito bom, porque a gente traz coisas que não usa mais, que não tem utilidade pra gente, mas pode servir para outra pessoa", diz. "Com os grãos, eu compro brincos, colares, pulseiras e o que mais me interessar."

A aluna de bacharelado interdisciplinar em Humanidades da UFBA, Maria Dantas, de 19 anos, diz que muita coisa mudou em sua vida desde que começou a trabalhar como voluntária

Fapesb lança proposta de Editais de R\$ 25 milhões na área de Engenharias
Veja mais na pág. 2

Confira a entrevista com o Prof. Manoel Barral Netto, diretor da Fiocruz
Veja mais na pág. 6

Projeto de Turismo de Base Comunitária oferece novas experiências
veja mais na pág. 9

no Brechó EcoSolidário. Ela conta que tornou-se vegetariana, passou a dar um valor especial aos alimentos que consome e parou de desperdiçar comida. Além disso, ela deixou de ser consumista e passou a comprar apenas quando sente necessidade. Além de trabalhar como voluntária no evento, Maria levou várias peças que não usava mais para serem trocadas pelo grão. "Eu trouxe várias coisas de minha casa, praticamente novas, que comprei porque não tive consciência sustentável", diz. "O espírito é esse, que as pessoas adquiram aqui algo que vá realmente servir para elas".

Enari Macedo, de 32 anos, também foi voluntária no Brechó 2014. Ela explica qual foi a sua motivação para trabalhar no evento: "O que me motivou a vir para cá foi a proximidade com uma lógica diferente de mercado, que foge do capitalismo e que valoriza e integra a comunidade mais carente com um público mais privilegiado".



TRIAGEM DE PRODUTOS

Como parte da programação, o Brechó promove o Dialogues en Humanité, uma grande rede internacional de diálogos e vivências sobre inovações, que permitam encarar os desafios econômicos, sociais, ambientais e espirituais da humanidade. A coordenadora Kátia diz que o apoio da Fapesb é fundamental para viabilizar a vinda de membros da rede: "Se não fosse o apoio da Fapesb, das políticas públicas, a gente não conseguiria realizar esse encontro", explica. Durante o evento, houve círculos de diálogos nos quais os membros puderam trocar experiências. "Essa troca de experiência é um ponto importantíssimo para nós no brechó e, sozinhos, não tínhamos como trazer esse pessoal para cá", diz Kátia.

Fapesb lança proposta de Editais de R\$ 25 milhões para Fortalecimento das Engenharias no Estado da Bahia



No dia 30 de outubro, a Fapesb promoveu um encontro com pesquisadores e profissionais das áreas de engenharias e ciência da computação, para apresentar o plano de criação do Programa de Fortalecimento das Engenharias e Ciências da Computação no Estado da Bahia. O objetivo do programa é promover ações de fortalecimento para ambas as áreas, abrangendo todo o estado e promovendo a desconcentração espacial dos recursos.

O Programa baseia-se em dois pilares principais. O primeiro, para o fortalecimento da infraestrutura, por meio do apoio à realização de obras e aquisição de equipamentos multiuso. O segundo, para o fortalecimento da articulação em rede, por meio do desenvolvimento de projetos multi-institucionais.

Para a realização das ações dentro do Programa, a Fapesb disponibilizará R\$ 25 milhões para serem executados em cinco anos. Com isto, a Fundação busca criar infraestruturas de referência tecnológica no país e estimular a interação entre universidades e empresas, além de criar novos cursos de mestrado e doutorado, fortalecendo os já existentes, criar novos grupos de pesquisa, empresas inovadoras e empresas incubadas, e atrair pesquisadores para o estado. "As universidades, principalmente as estaduais, estão muito interessadas neste programa, pois a Fapesb estará promovendo áreas importantes, carentes de um olhar mais atento", diz Vivian Alves, da Coordenação de Apoio ao Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Empreendedorismo da Fapesb. "Estas áreas são ícones importantes do processo de inovação e precisamos garantir que tenham apoio", completa.

O encontro contou com a presença das pró-reitoras da UESC, Élide Ferreira, UESB, Alexilda Oliveira de Souza e UFRB, Ana Cristina Soares.

Pesquisador da UFBA identifica Bocavírus na Bahia



LABORATÓRIO DE VIROLOGIA DA UFBA

Nos últimos anos, a população baiana vem sofrendo com uma onda de surtos virais, principalmente em épocas de mudança de temperatura. Dentre os agentes virais que mais têm afetado a população, encontram-se o Norovírus (NoV), o Rotavírus (HRV) e o mais recentemente descoberto Bocavírus (HBoV). O pesquisador Gúbio Soares, do Laboratório de Virologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, identificou o Bocavírus em um grande número de crianças em Salvador. O que lhe chamou a atenção para a virose, além da gastroenterite, foi o alto índice de infecção respiratória.

O Rotavírus, o Norovírus e o Bocavírus são de famílias diferentes. Os dois primeiros, apresentam maior prevalência em meses de baixa temperatura e clima seco e são considerados os maiores responsáveis por diarreias agudas (o Rotavírus, em crianças, e o Norovírus, em todas as faixas etárias), mas não causam infecções respiratórias. O Bocavírus, por outro lado, causa inicialmente infecção respiratória, que pode vir seguida de diarreia. O contágio se dá pelo contato com a saliva ou o vômito da pessoa contaminada, ou se houver contato com as mãos não higienizadas. A primeira descoberta do Bocavírus foi em 2005 na Suécia, pelo pesquisador Tobias Allander, ao analisar secreções respiratórias de pacientes com pneumonia.

Na Bahia, desde 2002, Gúbio e um grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia vêm desenvolvendo estudos epidemiológicos voltados à investigação de gastroente-

rites virais. Foi assim que, em 2008, identificaram pela primeira vez a presença do Norovírus em Salvador e, este ano, do Bocavírus. Há poucos estudos a nível mundial e no Brasil sobre o Bocavírus. Esta é uma das razões que levou Gúbio a querer se aprofundar em sua análise, realizando um estudo pioneiro no estado da Bahia. A pesquisa foi realizada graças ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, que disponibilizou verba para a compra de equipamentos, kits e materiais de pesquisa.

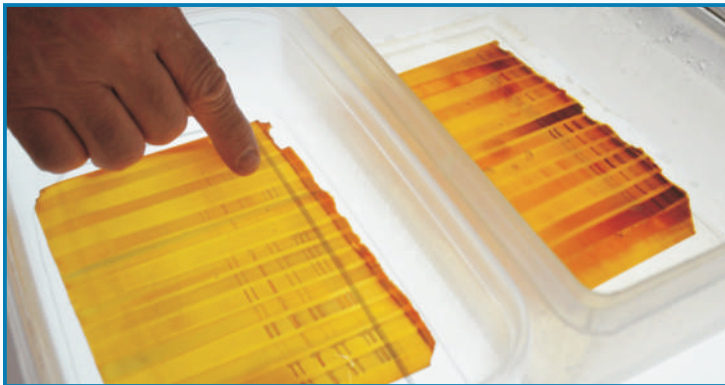
Das 144 amostras analisadas até setembro, 41,9% deram positivo para o Bocavírus. "As crianças estavam tendo diarreia e não era nem Rotavírus, nem Norovírus, então precisávamos descobrir que vírus era", diz Gúbio. Segundo ele, o Bocavírus pode ser mais grave que as outras viroses, pois as crianças com infecção respiratória já estão com o sistema imune comprometido e o quadro de diarreia agrava a situação: "Isto piora o estado da criança, causa desidratação e o paciente pode ficar internado". As crianças estão mais suscetíveis ao vírus porque sua imunidade ainda está em formação. "A criança não tem tantas defesas como o adulto. O adulto tem o sistema imune mais maduro, já entrou em contato com outras proteínas, tem resposta imune mais fácil."



APARELHO ADQUIRIDO COM RECURSO DA FAPESB

Até o momento, o Bocavírus foi identificado em várias partes do mundo, como na América, Ásia, África, Europa e Oceania, o que demonstra um perfil de distribuição mundial. Entre 2008 e 2010 foi realizado um trabalho na Coreia do Sul, cujos resultados foram

publicados em junho de 2014. Em dois anos coletando e analisando amostras, os coreanos identificaram o Bocavírus em 12,5% dos pacientes, crianças em sua maioria, mas nem todos apresentaram quadro de gastroenterite. "Eles já estão avançando e achando que muitas pessoas podem estar com o vírus sem apresentar o quadro de gastroenterite", diz Gúbio. "Essas pessoas terminam sendo uma fonte de contágio para outras, principalmente para crianças", acrescenta.



SEQUÊNCIAS DE ROTAVÍRUS

A diferenciação dos vírus é importante para que se possa trabalhar no preparo de novas vacinas. Após a descoberta do Bocavírus na Suécia, em 2005, foram identificadas três novas espécies do vírus (HBoV2, HBoV3 e HBoV4). Graças à pesquisa realizada por Gúbio, os médicos baianos tomaram conhecimento da presença do HBoV em Salvador. O vírus encontrado na Bahia foi comparado com outros pelo mundo através do genbank, um banco genético nos EUA onde são depositadas sequencias, informações genéticas de vírus e bactérias. "Precisamos ver se o material genético que temos é tipo 1, 2, 3 ou 4, para sabermos se o nosso vírus é diferente ou se tem as características que estão na África, na Ásia, na América do Norte, na Europa", explica Gúbio. "Isto é importante para que sejam criadas as vacinas certas."

No momento, Gúbio está trabalhando na criação de um kit para identificação de Bocavírus, pois o kit que ele utiliza é importado, e um nacional teria um custo muito mais baixo: "Nosso objetivo é produzir um kit de diagnóstico para esse tipo de vírus que não existe aqui no Brasil, pois só existe um tipo de kit de Bocavírus no mundo, feito na Austrália". O pesquisador já está trabalhando em um projeto de criação do kit para apresentar à Fapesb.



ANALISE DE AMOSTRAS

Para Gúbio, a Fapesb não apenas desempenha um papel importante na ciência e tecnologia, na descoberta de novos vírus circulando entre a população, mas também traz uma resposta social, uma vez que permite identificar viroses e informar as pessoas rapidamente. "É importante ter um diagnóstico rápido, pois se você tem um número de pessoas infectadas e solta logo um alerta sobre o vírus, informa a população como evitar o contágio, diminuindo o surto", afirma. "A Fapesb é importante em termos sociais, pois seu apoio nos permite dar uma resposta à população que fica assustada diante de um surto. É a vida do ser humano."

Games apoiados pela Fapesb participaram da SNCT 2014



ESTUDANTES JOGAM COSMOPOLITAN NA SNCT

Entre os dias 13 e 19 de outubro, a Fapesb participou da 11ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia - SNCT no Salvador Shopping. Na tenda, organizada pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação - SECTI, a pesquisadora Cristhyane Ribeiro, da empresa Sinergia Games, apresentou ao público o jogo Cosmopolitan, voltado para o público jovem feminino. O jogo ajuda as usuárias a desvendarem características de sua própria personalidade com o auxílio do método AIC – Apreciação, Influência e Controle, que inclui conhecimentos e técnicas para mapear o propósito humano, as relações de poder, seus impactos nos padrões de liderança, dentre outros aspectos, com aplicações de psicologia das cores. No jogo, personagens femininas passeiam por diversos países enfrentando alguns desafios. Para Cristhyane, o modelo do jogo é uma inovação tecnológica, porém, o mais importante é que seja um modelo de sucesso junto ao público alvo. “O processo de criar um jogo que tenha a simpatia e envolvimento do público já é bem difícil, e nós ainda temos a difícil tarefa de fazer com que este mesmo jogo, além de divertido, seja instrutivo como ferramenta de auto-conhecimento”, diz.

Outro jogo apoiado pela Fapesb esteve presente na SNCT: o Jornada da Criação. Trata-se de um jogo dinâmico com personagens do candomblé. Rafael Rocha, um dos criadores, explica a sua história: "Olorum que é o deus supremo dos Orixás, fala para Oxalá criar a Terra e, para isso, ele dá o saco da criação, que é o que o personagem

carrega no jogo. Só que para descer à Terra, ele precisa pedir a benção de Exu. Oxalá, de uma maneira bem arrogante, não pede. E por ele não pedir, Exu lança feitiços para impedir que ele crie o mundo". No jogo, Oxalá precisa desviar dos feitiços enquanto corre carregando o saco da criação. Todos os jogos desenvolvidos pela empresa Sinergia Games tratam de mitologia e têm como foco o desenvolvimento pessoal. Gustavo França, de 15 anos, gostou do jogo e dos demais experimentos: "Achei o jogo muito legal e divertido. Tem três anos que eu venho para a Semana Nacional e cada ano parece que melhora mais. Tem bem mais coisas e novidades".



ESTUDANTES JOGAM JORNADA DA CRIAÇÃO

Vanessa Alcântara, também de 15 anos, acha que a SNCT pode ajudar a despertar os futuros cientistas: "Isso aqui ajuda os estudantes que têm criatividade, força de vontade e curiosidade, pois a escola nem sempre proporciona essa experiência", disse. "Eu tenho certeza que dois ou três estudantes aqui, no futuro, vão se destacar em tecnologia porque estão podendo ver as coisas aqui, de perto".



CRIANÇAS TESTAM JOGO APOIADO PELA FAPESB

Entrevista

Manoel Barral Netto: experiência na pesquisa e na gestão

Em maio do ano passado, o pesquisador Manoel Barral Netto assumiu a direção da Fiocruz-Bahia para o período 2013-2017. Formado em medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutor em Patologia Humana, Barral ingressou na Fiocruz-Bahia em 1996 como pesquisador titular, formando um grupo de pesquisa de imunologia de leishmanioses, o que transformou a Bahia num dos principais centros de pesquisa mundial no tema. Antes de sua nomeação para diretor da Fiocruz, Barral ocupava o cargo de vice-presidente do CNPq, liderando o programa Ciência sem Fronteiras.



1- Com sua vasta experiência no universo da pesquisa científica, como pesquisador e como gestor do CNPq, como o senhor avalia o atual modelo de fomento à pesquisa científica e de inovação no Brasil?

Eu acho que o modelo brasileiro de financiamento está se esgotando. A gente tem um modelo muito focado no pesquisador. Temos poucas estruturas de financiamento em que a instituição assume algum tipo de papel. Mesmo nos programas maiores, como nos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs), não há um papel muito relevante da instituição. O papel preponderante do pesquisador vai permanecer. Todos os países têm seus modelos. Mas o que acontece aqui no Brasil é que essa preponderância leva também a uma sobrecarga administrativa muito grande, fica uma responsabilidade no indivíduo, no CPF, e não no CNPJ. Isso faz com que a instituição não possa executar muita coisa e, por outro lado, o pesquisador assume uma responsabilidade muito grande. A instituição dá um aval, mas o que ela assume de carga administrativa? Há uma certa dificuldade, pois o dinheiro está em uma conta no nome da pessoa, o sistema está muito voltado para essas coisas individuais. Eu acho que a gente precisa começar a ter um modelo em que, aprovando um projeto, se dê apoio também à instituição para ela assumir algumas questões institucionais. No exterior, a instituição recebe um recurso proporcional ao valor do projeto, uma vez que vai haver aumento de custo por conta da adaptação, da estrutura, do gasto de energia, da área utilizada. Temos uma evolução recente de pesquisa no Brasil, há 40, 50 anos. O resto eram iniciativas muito pontuais, não era algo sistêmico como está hoje. Então acho que o modelo precisa realmente ser repensado. Em relação à inovação,

mais ainda. A inovação decorre da ciência, que é uma ciência mais de ponta. Como nossa ciência é recente e muito feita na academia, são dois mundos que têm lógicas um pouco diferentes: o mundo acadêmico e o mundo empresarial. A inovação é algo que tem que existir na junção desses dois mundos. Acho que a legislação do Brasil tem progredido, embora não na velocidade que se deseja, permitindo um pouco mais que os dois universos se aproximem.

2- O senhor liderou um dos maiores programas de promoção da Ciência e Tecnologia no país: o Ciência Sem Fronteiras (CsF). Como o senhor avalia os resultados obtidos até o momento?

Esse é um programa que tem uma grande importância para o país e que vai além dos benefícios individuais dos estudantes. Se a gente pensar nos estudantes que obtiveram a bolsa, o ganho é muito grande. O Brasil aumentou muito nos últimos 20, 30 anos, passou de um país que produzia muito pouca ciência para um país que começa a chamar a atenção, ainda pouco, mas é o 13º país em termos de produção científica. Claramente, esse movimento aconteceu com o Brasil muito isolado do resto dos outros países. Na década de 80, houve muita bolsa internacional, muita gente do Brasil foi para o exterior e vemos que hoje grande parte desse pessoal está em posição de liderança. Há uma diferença proporcional entre quem teve essa oportunidade no exterior e quem não teve. É importante você conhecer outras visões de como se faz ciência. Num país muito grande e que tem ciência em grande quantidade como nos Estados Unidos, isso acontece dentro do próprio país. Os americanos migram muito, eles não ficam no

mesmo lugar a vida toda, é muito raro que um americano faça carreira em uma instituição só, no mesmo estado. Há uma mobilidade interna, pois o país tem muitos lugares que fazem ciência. Quando você está em países onde não há essa possibilidade, é muito comum ir para o exterior. No Brasil, o número de bolsas da década de 80 expandiu muito pouco até a década de 2010. Houve nesses 30 anos um aumento enorme da comunidade científica e um aumento muito baixo das bolsas para o exterior. O Brasil estava fazendo uma ciência muito endógena. Precisávamos aumentar a interação brasileira com outros países. Esse é um grande objetivo do programa, onde as pessoas possam trocar ideias, viver uma nova experiência. Um componente do CsF que às vezes a comunidade científica não entende é o de bolsas de graduação. Muita gente acha que isso não é ciência. Na verdade, não é mesmo, do ponto de vista estrito. Mas precisamos lembrar que a ciência é feita por pessoas e as pessoas que têm essa experiência mais cedo, serão melhores cientistas no futuro. Ter uma experiência diferente, começar mais cedo a ver realidades diferentes, entender que o mundo é mais complexo, é importante. Os países europeus fazem isso há muito tempo. Eles têm programas de interação, de os estudantes circularem de um país para o outro durante a graduação. As universidades americanas fazem muito isso, estimulam os seus alunos, durante o curso, a irem para o exterior fazer alguma atividade fora. Esse é um padrão mundial também, que o Brasil, até por razões econômicas, não fazia. O Brasil não dava esse tipo de oportunidade. Quem fazia isso no Brasil eram os filhos da elite, porque podiam fazer o financiamento privado dessa experiência. Todo mundo que vai nesse programa vai ser melhor cientista? Não. A maioria nem vai ser cientista. Mas eu acho que grande parte dos alunos que vão para fora, serão melhores profissionais, isso com certeza. O programa não tem somente uma vertente científica. Ele tem uma vertente profissional. Além disso, as nossas universidades continuam muito fechadas. Essa expansão com isolamento fez com que as nossas universidades tivessem estruturas que hoje já não são seguidas no restante do mundo. Na medida em que você manda

grande número de estudantes de graduação para fora, eles começam a ver que o ensino fora está muito diferente do que se faz hoje aqui, e isso traz uma pressão para a universidade brasileira. Todos os nossos cientistas vão sair de universidades, então se nós melhorarmos a universidade científica, a gente estará melhorando a formação científica. Se o número de bolsistas financiados for grande, causa muito impacto. Outra coisa boa no programa é a pressão da língua inglesa. Da primeira vez que se implantou, menos de 30% dos alunos da USP tinha inglês para ir para o exterior. Agora esse número aumentou, porque os meninos sabem que têm essa oportunidade e começaram a aprender inglês. O inglês é um critério que nem é do programa e sim das universidades, pois elas não vão querer aceitar alguém que vai chegar na sala de aula e não vai entender nada.

3- Que outras políticas públicas o senhor recomendaria para ampliar a cooperação internacional entre a comunidade científica da Bahia e de outros países?

Precisa haver uma estrutura. A Fapesb foi bem inovadora e uma das primeiras a criar esse tipo de apoio às assessorias de Cooperação Internacional. Eu acho que esse tipo de apoio é fundamental. Essa é uma questão em que o CsF poderia ter sido melhor aproveitado, se as nossas universidades tivessem mais chance de cooperar. Ficou uma coisa muito restrita às agências de fomento, às universidades estrangeiras e ao aluno brasileiro, mas a universidade brasileira não teve estrutura. Primeiro: temos pouca gente para fazer esse trabalho. Nem sempre o domínio da língua é suficiente para fazer esse tipo de negociação, sem o conhecimento específico do assunto. Nos EUA, por exemplo, eles têm associações nacionais de assessorias de cooperação, têm cursos oferecidos para capacitar as pessoas para fazer esse tipo de atividade. É uma função forte e estratégica que tem progressos grandes. A gente tem que investir nisso, tem que dar uma estrutura para isso funcionar. Segundo: tem que haver metas, o Brasil tem que dizer onde ele quer chegar. Não tem uma fórmula mágica, mas tem que ter uma reflexão. Precisamos atrair o aluno de fora, que é considerado

parâmetro internacional importante. Atraímos pouquíssimos estudantes. Nem de nossos países vizinhos mais próximos a gente atrai. Podemos ou mandar para fora, ou trazer gente, todas as duas formas são importantes porque quebram a endogenia. Hoje, o Brasil produz 3% da ciência publicada mundialmente. Desses 3% que o Brasil produz, a maior parte é em inglês. Quem faz ciência no Brasil tem que saber inglês. A língua científica é o inglês. Então, se a gente não começar a expandir o ensino em inglês - não é o ensino da língua inglesa e sim ensinar ciências já em inglês para os nossos alunos - eles demoram muito de começar a atuar em congressos internacionais e aproveitá-los de uma forma mais ativa. É preciso ter, em várias frentes, um plano para o aumento da internacionalização. Mas tem que dar mais suporte para as instituições. Muitas universidades no exterior têm todo um programa para receber esses alunos. O estrangeiro que chegue aqui não tem quem dê o menor apoio, não tem nem ajuda para procurar, por exemplo, onde se alojar. A gente não tem o mínimo suporte para receber um estrangeiro. Pode ter uma ou outra exceção, mas a regra é essa.

4- A Fiocruz tem um papel muito importante na produção científica do estado. Que novos focos de pesquisa e projetos estruturantes estão em curso no momento?

Nós temos algumas das expansões feitas mais recentemente. A Fiocruz da Bahia historicamente era muito centrada em parasitologia. Ela já expandiu para doenças infecciosas, já incluiu aspectos de bactérias e principalmente de vírus. Hoje, a produção da Fiocruz-Bahia nas áreas de doenças virais já é importante. Mais recentemente, a medicina regenerativa, toda essa questão de células tronco, também progrediu. E uma das preocupações é reforçar o que a gente já tem, pois nada disso pode ser abandonado, e sim expandido para outras áreas. A gente reforça, por exemplo, a área do desenvolvimento de drogas, reforça a medicina regenerativa, mas começa a haver a questão de um reforço maior em bioinformática, em biologia de

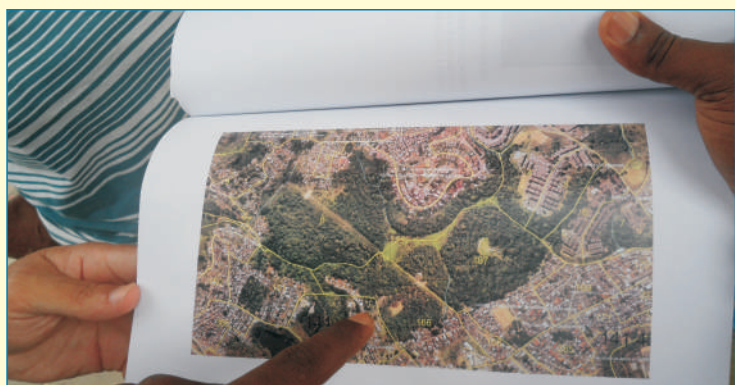
sistemas. Não se faz pesquisa sem pessoas, então, se você quer criar novas áreas, tem que atrair profissionais capacitados. A perspectiva é que nos próximos anos nosso trabalho se consolide nas áreas onde já existe uma produção e se expanda e comece a atingir áreas que não eram atendidas antes.

5- Como o senhor avalia o desempenho da Fapesb no fomento à pesquisa científica e inovação no estado da Bahia?

A Fapesb tem um papel fundamental. Vários estados já tinham Fundação, a Bahia estava atrasada e foi muito importante a Fapesb ter sido criada. Eu acho que a Fapesb tem tido, desde a sua criação, um aporte de recurso que ainda não é suficiente para todas as necessidades da ciência baiana, mas claramente mudou o panorama. Nesse período, embora não tenha sido a única, a Fapesb fez com que a Bahia pudesse aproveitar grande parte das oportunidades oferecidas. Muitas das iniciativas do governo federal exigem uma contrapartida. Sem uma Fundação de Amparo à Pesquisa ou sem um mecanismo para isso, nós teríamos muita dificuldade. O governo percebeu que cada recurso investido pela Fapesb fez com que fosse atraído mais recurso federal para o estado. E há, também, o apoio mais focado em temas da Bahia. Isso é um aspecto em que o papel da Fapesb é fundamental, pois esses temas dificilmente seriam tratados em um edital ou uma chamada nacionais, porque são temas que interessam muito ao estado, mas não necessariamente ao país. Outra questão é o reforço a grupos locais. Claramente a gente tem um leque de oportunidades que foram criadas porque a Fapesb existe e porque ela tem funcionado de forma séria. A ciência baiana realmente cresceu nesse período. Nos últimos levantamentos, apesar de não ter a melhor educação do norte-nordeste, a Bahia já é o maior produtor de ciência, tendo ultrapassado Pernambuco, que por muito tempo esteve na liderança. Então temos claramente indicadores de que a Fapesb fez um papel extremamente relevante na Bahia.

Com apoio da Fapesb, projeto de Turismo de Base Comunitária oferece novas experiências para visitantes e turistas

Um roteiro turístico normalmente inclui os pontos mais famosos da cidade. Monumentos, museus, parques, praias estão sempre presentes na lista dos locais mais visitados. Mas muitas pessoas escolhem fazer um turismo diferenciado, passando por experiências locais que vão além dos pontos mais famosos. Nestes roteiros mais diversificados, as próprias comunidades, de forma integrada e coletiva, oferecem saberes e fazeres, por meio dos quais visitantes e turistas conhecem de perto o seu estilo de vida e têm oportunidade de conviver com os moradores, conhecendo a cultura local e regional. É o chamado Turismo de Base Comunitária - TBC.



MAPA DA REGIÃO DO CABULA

A professora Francisca de Paula, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, vem desenvolvendo, há cinco anos, diversos projetos no entorno da Universidade, que incluem a organização de roteiros turísticos alternativos, responsáveis, sustentáveis e solidários - RTUARSS nos bairros do entorno da UNEB, no Cabula. O trabalho de pesquisa, extensão e ensino é voltado para a valorização cultural das comunidades, focado na educação e no desenvolvimento local com protagonismo social e comunitário. No início, Francisca observou que faltava mais diálogo entre a comunidade acadêmica da UNEB e os moradores do Cabula. Outro aspecto observado era que os pesquisadores e seus departamentos não dialogavam entre si. Foi então que ela começou um trabalho de articulação entre alunos, professores, pesquisadores e moradores. De um lado, buscou

promover a comunicação entre os pesquisadores de diferentes departamentos da UNEB, para que, juntos, pudessem desenvolver ações com a comunidade. Do outro, ela buscou reunir a população local para identificar os líderes comunitários e convidar as pessoas para dialogarem e participarem das múltiplas atividades oferecidas pelo projeto TBC Cabula. "Fomos descobrindo que, por vezes, havia líderes que estavam ali sob a égide de interesses políticos", diz. "Passamos a perceber que algo errado existia quando, nas reuniões, só vinham praticamente as mesmas pessoas, e nós queríamos dialogar com a comunidade, independente de estar vinculada a partido ou não."

O que Francisca queria era identificar os talentos, artistas, crianças, jovens e adultos e, sobretudo, grupos culturais, além de conhecer os arranjos socioprodutivos locais: "Não se fala de turismo de base comunitária sem efetivamente falar de cultura. Então, quando eu me refiro ao turismo de base comunitária, essencialmente estou me referindo à cultura daquela localidade", explica. A partir do primeiro apoio da Fapesb, por meio do edital 021/2010 de Apoio à Articulação, Pesquisa e Extensão, a equipe do TBC Cabula passou a desenvolver diversos projetos em parceria com instituições de ensino superior, escolas e centros de educação profissional, culminando em um amplo projeto guarda-chuva multidisciplinar. O projeto engloba ações nas áreas de saúde coletiva, educação, tecnologias educativas, meio ambiente, ecologia social, história, economia solidária, patrimônios cultural e natural, dentre outros. Existe hoje, por exemplo, uma equipe multidisciplinar da área de saúde coletiva. A equipe do TBC Cabula vem se articulando e desenvolvendo ações com grupos de pesquisas que trabalham com parteiras, parasitologista, médicos, enfermeiros, farmacologistas, que têm seus projetos apoiados por outras fontes de financiamento além da Fapesb. Nas áreas de educação, história e tecnologia, foi feita uma pesquisa historiográfica sobre o antigo Quilombo Cabula, a fim de criar um museu virtual para ser utilizado pelas escolas locais, professores e pesquisadores. Para Francisca de Paula, o desdobramento de ações dentro

do projeto inicial o levou à configuração de programa. "O projeto tem uma dinâmica que não tem como a gente frear, segurar, porque ele já está ganhando vida própria, não só por parte dos pesquisadores da universidade mas também pela comunidade do entorno".



REUNIÃO COM A COMUNIDADE

O projeto de Turismo de Base Comunitária foi apresentado à Fapesb inicialmente com uma proposta diferente. A princípio, o projeto visava a criação de uma operadora de receptivos populares, agência de viagem e turismo, comunitária e autogestionária, que fica com a responsabilidade de fazer toda a organização do receptivo de visitantes e turistas naquele local. Mas, conversando com a população local, e observando seu modo de vida, comportamento, estrutura familiar, condições sociais e interesses, percebeu-se que aquele contexto não se encaixava no sistema do turismo convencional. O que eles tinham para oferecer, além de um grande legado histórico-cultural, era algo mais pessoal e plural.



OFICINA DE GRAFITE

Comumente, os turistas que se interessam pelo turismo de base comunitária não procuram operadoras de viagem. O que eles buscam é uma experiência mais aprofundada, em que possam participar da vida e do cotidiano das pessoas. A equipe do TBC Cabula percebeu

que a comunidade do Cabula já recebia alguns visitantes e turistas que não passavam pelas estatísticas dos órgãos oficiais de turismo. Alguns deles, inclusive, acabaram se mudando para a comunidade. Diante disto, com o auxílio de Francisca e a equipe, os moradores do bairro do Cabula se organizaram e passaram a fazer uma experiência com a criação de roteiros alternativos dentro de sua comunidade. O trabalho se estendeu para áreas que alguns moradores reconhecem como antigo Quilombo Cabula, como Pernambués, Beiru/Tancredo Neves, São Gonçalo do Retiro, Saboeiro, Engomadeira, Mata Escura, Arraial do Retiro, Sussuarana, Estrada das Barreiras e outros bairros populares.

Para que as comunidades possam preparar os roteiros, é necessária uma série de oficinas e cursos, tais como História da Bahia, Cooperativismo, Guia, Hospitalidade, Hospedagem Comunitária, Elaboração de Projetos Sociais e outros. "O projeto de Turismo de Base Comunitária valoriza o jeito que eles vivem, que eles são e eles começam a se dar conta de que têm valor. Os turistas não vão chegar, tirar a fotografia e ir embora. Eles vão chegar, conhecer, participar da vida, do cotidiano dessas pessoas", diz a pesquisadora. Todas as reuniões e rodas de conversas resultaram em quatro ou cinco roteiros por bairro criados pelos próprios moradores. "Eles dialogam entre eles, decidem se aquele espaço vai ser visitado ou não, que melhorias precisam ter, que modelo de gestão vão adotar", diz Francisca de Paula. Não existem roteiros fixos. Eles são organizados de acordo com a demanda. Os moradores não deixam suas vidas pessoais por conta dos roteiros.



GELADEIRA TRANSFORMADA EM ESTANTE DE LIVROS

Eles trabalham, estudam, cuidam de suas casas e famílias e, quando um grupo de visitantes e turistas entra em contato, eles se reúnem para elaborar o roteiro e conciliar suas rotinas com a recepção dos visitantes. "Uma senhora que vende hortaliças na feira, no dia agendado para o roteiro integrado, vai ficar no bairro e disponibilizar suas hortaliças para os visitantes, assim como o artesão, o senhor que nasceu e cresceu ali, para contar estórias e histórias", afirma Francisca.



OFICINA DE GRAFITE

Visitar as casas dos artistas locais, pintores, músicos, poetas e os lugares frequentados pela comunidade como praças, escolas, riachos, horto, fazem parte da programação do roteiro organizado pelos moradores. O turista pode, inclusive, hospedar-se na casa de um morador. Normalmente, o almoço é servido pelos locais, em suas próprias casas, ou em restaurantes do bairro. O visitante tem a oportunidade de conhecer uma outra

realidade, de deparar-se com histórias de vida diferentes da sua. Como a de um jovem do interior que veio para Salvador sem ter onde morar. Francisca conta que o rapaz ocupou um espaço no Cabula e construiu a casa com resíduos sólidos. "Parece que ele saiu de uma universidade de engenharia", diz. A casa, feita de restos de madeira e papelão é impermeabilizada internamente com caixas tipo tetra pak e impressiona os visitantes. "Não queremos fazer turismo para mostrar a pobreza, isso é uma visão equivocada. Queremos oferecer experiências singulares, autênticas, humanizadas, que favoreçam um processo de educação e de conscientização das pessoas", diz. Um grupo de visitantes de Itacaré hospedou-se por três dias em Pernambués, na casa da família que criou a rádio comunitária Odeon e o Terno de Reis Rosa Menina. A presença das 26 pessoas de fora mobilizou os moradores. Eles providenciaram colchões, definiram quem iria oferecer alimentação, quem faria o guiamento e definiram os atrativos e atrações a serem apresentadas. Uma senhora ofereceu o café da manhã; a outra, o almoço; um jovem foi esperar o grupo na estação do ferry-boat; os artistas se apresentaram em espaço comunitário. Foi criado, então, um formato específico de roteiro para aqueles turistas, tudo construído em diálogo entre os moradores. Durante o planejamento desse receptivo, Francisca descobriu um livro, escrito pela filha de D. Luiza e Sr. Silvano Nascimento, sobre a história do Terno de Reis, que acabou sendo publicado com recursos da Fapesb, com assessoria da equipe TBC Cabula. Depois da publicação, a festa passou a ser mais conhecida e o grupo foi convidado a se apresentar na escola Aliomar Baleeiro. Tudo isto, diz Francisca, contribui para a conscientização do legado, da história e construção de conhecimento sobre o antigo Quilombo Cabula. Uma dificuldade do projeto é manter a regularidade dos participantes dentro das comunidades, pois muitos o abandonam por conta de questões pessoais. Isto também é outra característica do turismo de base comunitária. Francisca explica que, embora os moradores queiram ganhar dinheiro, não é o dinheiro que estabelece as regras: "Eles têm a maior dificuldade

de definir preço, pois eles vêm de uma cultura em que todos se reúnem, comem o que tiver, compartilham". Para ela, este é um aspecto cultural muito humano que não se encaixa no sistema de turismo convencional. "No Horto do Cabula há um senhor que cuida de cães que são abandonados lá. Ele nos recebe, nos acolhe, e a única coisa que ele quer em troca é ração para os animais."

Outro resultado do primeiro financiamento da Fapesb foi a realização do evento anual chamado Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - ETBCES; a Mostra de Cultura e Produção Associada ao Turismo e à Economia Solidária - MCPATES; e a Feira de Meio Ambiente e Saúde - FMAS. No segundo ano do evento, em 2012, artesãos, músicos, grafiteiros e outros artistas, que estavam expondo seus trabalhos, puderam se conhecer, dialogar e trocar experiências. "O evento cumpriu seu papel de ser o lócus de encontro, de diálogo, espaço de proximidade entre aquelas comunidades", diz Francisca. Nasceu então, de forma espontânea, o grupo Cultarte. Trata-se de um grupo organizado por um coletivo de artesãos e artistas, que vem sendo assessorado pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/COAPPES da UNEB.



TRILHA DO CABULA

Entre os dias 12 e 16 de novembro, aconteceu mais uma edição do ETBCES, que também contou com o apoio da Fapesb. O Encontro foi realizado no Colégio Estadual Ministro Aliomar Baleeiro, parceiro do TBC Cabula,

situado na Rua Saturno, sem número, Pernambués, Salvador. Nos dias 15 e 16 aconteceram visitas às comunidades. As informações podem ser encontradas no Portal www.tbc.uneb.br, que foi criado para as comunidades dos bairros do Cabula e entorno e é atualizado pelos moradores com assessoria da equipe TBC. Neste portal, eles postam o que tem de valioso no seu bairro, o que é histórico, cultural e significativo para suas vidas. Lá também está disponível a Cartilha (in)formativa "ABC do TBC".

Ainda com apoio da Fapesb, a equipe TBC Cabula publicou o livro "Turismo de Base Comunitária e Cooperativismo: articulando pesquisa, ensino e extensão no Cabula e entorno". O recurso arrecadado com as vendas deste livro vem sendo aplicado em oficinas de graffiti, oferecidas pelo artista Denissena, dentre outras ações formativas.



CASA FEITA DE RESÍDUOS SÓLIDOS

Elaborado por:

*Este exemplar não pode ser vendido.
 Tiragem: 3.000 exemplares.
 Distribuição gratuita.
 Mais informações:
www.fapesb.ba.gov.br*

fapesb

Responsável Institucional
 Roberto Paulo Machado Lopes

Expediente
 Editoria de arte e Projeto Gráfico: Vanessa Teles
 Diagramação: Vanessa Teles
 Fotos: Lorena Bertino e Vanessa Teles
 Redação e revisão: Lorena Bertino

fapesb
 Fundação de Amparo
 à Pesquisa do Estado da Bahia

Bahia
 GOVERNO
 TERRA DE TODOS NÓS
 SECRETARIA DE CIÊNCIA,
 TECNOLOGIA E INOVAÇÃO